

## O NOVO MUNDO E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO - PRIMÓRDIOS\*

Eliane Garcindo de Sá  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Os «Descobrimentos» provocaram transformações das relações mundiais que foram se aprofundando e intensificando a partir dos séculos XV e XVI. Seus efeitos não foram sentidos apenas nas regiões diretamente atingidas mas ultrapassaram os limites locais mais restritos e forjaram a perspectiva da representação do espaço no âmbito mundial. Expressiam o

*conjunto fenomenal humano da expansão planetária da Europa ao longo dos séculos XV e XVI.*<sup>1</sup>

As descobertas produziram um desafio de ordem cultural até então desconhecido pela introdução de novas gentes e novos mundos na história dos descobridores europeus. Entre elas, a América constituiu-se em fonte de indagações e novas explicações.

Mais do que isso, constituiu-se em paradigma de novos conhecimentos e acelerou a produção sistemática e metódica da *scientia*.

Jorge Larrain considera que a formação da identidade cultural europeia, a partir do século XVI, é devedora do processo de descoberta e conquista da América, coincidente com o a gênese do capitalismo e da formação dos Estados-Nação.<sup>2</sup> Para o autor a identidade cultural pressupõe a noção do «outro» e a construção do «self» cultural, envolve a distinção de valores, características e formas de vida de outros. No caso da Europa emergente para a modernidade essas referências não se definem apenas pelo próprio passado feudal, mas também pela realidade presente da América, África e Ásia.

A identidade cultural europeia, historicamente construída, se define sob o império crescente da razão, da ciência e da técnica, elementos da constituição da supremacia de sua dominação mundial.<sup>3</sup>

Esses elementos da identidade – razão, ciência, tecnologia – se constituem em grande parte através do processo estabelecido na relação do cerne europeu ordenador com o conjunto planetário que se amplia a partir dos séculos XV/XVI, sobre

novos territórios e novas gentes. A supremacia tecno-científica europeia permite e reforça o domínio, a hegemonia e o controle dos europeus.

Fruto e impulso das transformações proporcionadas pelo conjunto de mudanças que caracterizam o período, esta supremacia tecno-científica justifica, estimula e reafirma crescentemente a positividade da relação entre conhecimento/ciência, razão e poder.

O conhecimento do «Novo Mundo» – já uma classificação em oposição ao «Velho Mundo» – constituir-se-á em referência e objeto; explicado e entendido pelos padrões definidos a partir de paradigmas europeus. Já nos primeiros contatos a posição de conquistador/descobridor é determinante na relatividade do conhecimento produzido.

Há um longo e tortuoso percurso entre as primeiras representações do «Novo Mundo» e a consolidação de um corpo teórico capaz de explicar e comprovar empiricamente a construção da representação de uma escala evolutiva, onde a diferença do outro indica inferioridade e cabem justificativas centradas na qualidade da natureza física e humana para classificar a América entre territórios e civilizações universais.

Os textos produzidos no decorrer da conquista e dos primórdios da colonização retratam os primeiros esforços de superar o desconhecido, produzindo um novo conhecimento. São *crônicas e relaciones*, relatos, memórias, cartas, descrições, olhares atentos sobre o mundo andino.<sup>4</sup>

Esse conjunto confirma a pretensa superioridade dos descobridores, mas se introduzem questionamentos – sobre igualdade entre os homens – provocados pelo convívio aprofundado com os habitantes das Índias.

Se as referências anteriores, com as quais olhavam para o novo, formadoras desses observadores/conquistadores têm sido analisadas como elemento de encobrimento da descoberta do outro, do diferente, é inegável que a realidade concreta das relações com esse universo também se impôs nessa construção.<sup>5</sup>

O até então desconhecido é descrito em textos que estabelecem comparações entre a natureza e as formas de vida no velho e novo continente.<sup>6</sup>

O cronista Oviedo, por exemplo, explica:

*la verdadera razón de que no se dá bien la vid en Santo Domingo ni está en la planta ni en la tierra... sino en la industria humana e floxedad de los hombres.*<sup>7</sup>

Essas especulações já apontam para inferioridade relacionada ao que posteriormente se explicará pelos efeitos degenerativos da natureza – tanto sobre os «nativos», por origem, quanto sobre os advindos.

As formulações construídas a partir do século XVIII consolidam a perspectiva expressa inicialmente por Buffon, em que a América está qualificada pela negatividade, num percurso que Antonello Gerbi vai reconstruindo até as postulações hegelianas sobre a imaturidade, impotência e inferioridade da região.<sup>8</sup>

No século XX explicações científicas etnocêntricas, ainda contemplam políticas restritivas e excludentes.

O esforço de entendimento e explicação provocado pelo confronto de sociedades, entretanto, não foi apenas realizado pelos conquistadores. Houve um outro esforço de construção de conhecimentos sobre este universo que se reveste de particular importância, sobretudo quando se reavivam as correntes de análise voltadas para os *Cultural Studies* e *Social Studies of Science*.

Nesse caso são radicalmente relevantes os textos de indígenas e mestiços hispanizados. No caso do mundo andino as tentativas de Felipe Guaman Poma de Ayala e do Inca Garcilaso de la Vega<sup>9</sup> merecem análise. São construções particularmente interessantes porque introduzem de forma direta e com específicas abordagens novos critérios e representações, oriundos de um enfoque «indiano». Diante da necessidade de reconstruírem seus universos e identidades estarão obrigados a um contínuo exercício de cotejo e comparação, indagação e sistematização de distintos sistemas de representação cultural, de sistemas de conhecimento, cosmovisões radicalmente distintas, para forjar uma nova representação capaz de permitir a convivência entre mundos diversos, criando um mundo novo, construindo um novo conhecimento.

São bastante diferenciadas as construções de Poma e Garcilazo e aqui só nos ocuparemos do último com o objetivo de analisar parte desses esforços de entendimento e explicação sistemática das Índias-América, desse ponto de vista.

Trataremos da obra do cronista/historiador mestiço peruano Inca Garcilaso de la Vega – *Comentarios Reales – Primera Parte* (*Comentarios Reales de los Incas*) e *Segunda Parte* (*Historia General del Perú*), publicados em 1609, em Lisboa, e 1617, em Córdoba respectivamente. Obra de repercussão imediata os *Comentarios Reales* foram traduzidos no mesmo século para o inglês, francês e holandês.

Abordamos o texto como resultado de um esforço de sistematização histórica, centrada no modelo europeu, observando particularmente a construção metodológica descrita, explicitada e/ou deduzível, os paradigmas de análise e sobretudo de comparação entre o universo andino/indiano e o europeu, no que concerne à descrição e uso da natureza, à organização social, incluindo aí a questão étnica e as representações culturais.

A origem inca do autor e a apropriação de conhecimentos e códigos europeus permitem, por um lado, o esforço de explicar o universo americano historicizando-

o nos modelos oferecidos pela produção historiográfica européia e, por outro lado, avançar na exposição e na dimensão do diverso – o universo andino/indiano, como objeto inteligível aos olhos europeus.

Assim o autor descreve, explica e compara o mundo do Tawantinsuyu/Perú: a natureza, os habitantes, suas características físicas e culturais e sua «história», os produtos e riquezas, as formas de organização e sistemas de representação.

O esforço compreensivo de Garcilaso na análise desta construção sistemática, criteriosa e metódica, procura traduzir dois mundos e resgata aspectos relevantes na gênese da constituição do conhecimento científico forjado a partir do que viria a ser a América, enquanto referência e objeto.

A obra de Garcilazo apresenta uma estrutura básica, do ponto de vista de um critério histórico-cronológico: a primeira parte dos Comentarios está dedicada ao resgate do passado andino, antes da conquista, embora nela apareçam outros atores são os incas os protagonistas por excelência da história. Toda a trama da narrativa conduz ao registro da construção do Tawantinsuyu: são os Comentarios Reales de los Incas.

A segunda parte está dedicada à narrativa da conquista e consolidação da presença espanhola: é a Historia General del Perú. Os espanhóis conduzem a trama da história, mas o universo do Tawantinsuyu permeia a narrativa, estabelecendo a relação continuada do confronto da conquista, em que pese a concepção das idades que aponta a dominação cristã como o ápice de um percurso longo. A primeira idade compreende o universo andino antes dos incas, a segunda idade é o Tawantinsuyu e a terceira corresponde à hispanização/cristianização, a salvação desse universo. Em alguns momentos os tempos se cruzam entre as duas partes do texto, permeando as narrativas.

Em linhas gerais, dialoga com a produção historiográfica européia, considerando os antigos, como Tucídides, entre outros que cita e demonstra conhecer, consegue refazer, construir uma «unidade histórica» que agrega, relaciona e intercambia a antiguidade andina e o presente ocidental, universal, que adquirem um sentido de continuidade histórica.

Para reconstruir a trajetória do mundo andino se utiliza das referências à tradição oral, aos registros dos «quipus», aos testemunhos, sejam velhos parentes incas ou conquistadores aos quais interroga, seja se utilizando de textos manuscritos de registros e memórias disponíveis, de suas próprias vivências e observações, mas também de cronistas espanhóis contemporâneos.

Na construção da Historia General del Perú usa os mesmos recursos, e se vale sempre dos textos de espanhóis e dos «papeis» de Blas Valera,<sup>10</sup> testemunho valioso, sempre com o objetivo de complementar o que esteja insuficiente ou

distorcidamente apresentado, por equívoco, por deficiência de informação ou por intenção questionável na produção dos espanhóis.

Manifesta reiteradamente a necessidade do restabelecimento da verdade, da exigência da consideração do testemunho, da correção da narrativa, atributos fundantes da história.

Como todos os que se voltam para o universo indiano, Garcilaso identifica, descreve, classifica, qualifica, explica o que vê. Há entretanto um distinção radical nesse olhar: Garcilaso é um mestiço.

Símbolo da mestiçagem, pela construção de seu destino e por seu papel de protagonista, Garcilazo ainda é um desafio, um mito fundador mestiço. Ele resgata não só o passado do Tauantinsuyo, mas sobretudo aponta para a condição relacional entre conquistadores e conquistados.

O caráter da sua construção do universo simbólico da mestiçagem é conciliatório entre os mundos em confronto. Garcilazo constrói uma rede de representações compreensiva, inclusiva, incorporadora e não excludente dos elementos disponíveis para a concepção de uma identidade mestiça e por conseqüência para uma abordagem prismática da realidade observada: a nova realidade é mestiça, é múltipla, compósita. Amplia o espectro dos traços europeus e indianos que devem compor esta identidade. Apropria-se de diversos olhares sobre os pólos radicais e tece o percurso de articulação e trânsito entre estes.

Discursa na linguagem do colonizador, sem abandonar seus diversos códigos de referência: ora se expressa como índio, ora como mestiço, ora como espanhol, no esforço de tornar inteligíveis e compatíveis as diversas linguagens que manipula e traduz, umas às outras.

Diante da necessidade de compreender e justificar as diferenças, as distâncias entre os mundo por onde circulava, considerando as referências hispânicas como paradigma radical, as utiliza para explicar o mundo indiano, outro paradigma que se impõe. Nesse esforço constrói novos paradigmas que lhe servem de critérios para observação da diversidade entre os mundos observados. É esta conexão que possibilita a nosso ver que a narrativa dos Comentarios guarde um distanciamento particular do objeto, em que pese o *parti-pris*, tomado a favor do Império Incaico e da hispanização/cristianização.

O propósito explicitado por Garcilazo no Proemio Al Lector, na Primeira Parte dos Comentarios, é de complementar e esclarecer.

*En el discurso de la historia protestamos la verdad de ella, y que no diremos cosa grande que no sea autorizándola con los mismos historiadores españoles que la tocaran en parte o en todo; que mi intención no es contradecirles, sino servirles de*

*comento y glosa y de intérprete en muchos vocablos indios, que como extranjeros en aquella lengua, interpretaron fuera de la propiedad de ella, según largamente se verá en el discurso de la historia.*<sup>11</sup>

Esse trânsito e domínio das linguagens constitui a possibilidade de ultrapassar os limites do olhar parcial do conquistador, o recurso e o argumento fundamentais na construção da narrativa.

O mestiço aprendera o sentido das letras e imprime seu texto para expor as possibilidades e as incomunicabilidades entre os códigos.<sup>12</sup> A minudente descrição de situações de confronto entre os códigos é efetivada a partir dos múltiplos olhares que lhe permite o domínio sobre os mesmos, possibilita à narrativa guardar distanciamento relacional com seu objeto e evidenciar a situação relacional de sua utilização. A narração da história ou das histórias contadas nos Comentarios explicitam as diversidades, as divergências, os interesses, as possibilidades de entendimento entre conquistadores e conquistados. Denuncia o limite da comunicação pela ignorância e o desleixo com o sentido e o significado de atos e linguagens. Propõe o entendimento e a conciliação pela tradução multilateral dos códigos, com a firmeza de quem se constituiu no trânsito entre eles.

É possível entender e traduzir as diferenças e conviver com elas. A identidade do mestiço supõe a incorporação da diversidade ordenada, organizada e hierarquizada, através do código do conquistador, capaz de dar voz e garantir a escuta do até então oculto mundo dominado.

A agudeza da observação das distinções entre os códigos e culturas em confronto dá à narração de Garcilazo traços de atualidade. Há na sua obra algo de um multiculturalista, *avant la lettre*, evidenciado no foco da abordagem do objeto.

Um tópico exemplar da construção da representação da história produzida e narrada por Garcilaso são os capítulos relativos ao episódio de Cassamarca.

A partir do capítulo XVII (*Una embaxada con grandes presentes que el Inca hizo a los españoles*), Libro I de La Conquista del Perú a narrativa aponta a intensificação dos contatos entre os espanhóis de Pizarro e Atahualpa. A descrição dos ritos de recepção por parte dos incas é minuciosa, explicitando os cuidados e a sofisticação do trato com os estrangeiros.

Salienta o sistema de representações que sustenta as atitudes do Inca, os significados de cada ato e/ou declaração. Se essa abordagem persegue a apresentação da proximidade entre espanhóis e incas, colocando-os em níveis de civilidade compatíveis, por outro lado aponta à exaustão os limites do entendimento entre os códigos distintos e as suas trágicas decorrências.

Já desde o Capítulo XX: *La oración ds los embaxadores y la respuesta del Inca*,

Garcilazo evoca o testemunho de Blas Valera, qualificado como testemunho, por ser filho de participante dos eventos, ser nascido e criado nos confins de Cajamarca:

*y así tuvo larga noticia de aquellos sucesos.*<sup>13</sup>

O argumento da incomunicabilidade entre as partes é reforçado por Garcilazo no Capítulo XXII: *La oración que el Padre Fray Vicente de Valverde hizo al Inca Atahuallpa*. Blas Valera teria se enteirado do teor da fala, através da leitura do original escrito por Valverde, ao estudar latinidade em Trujillo.

O Capítulo XXIII: *Las dificultades que hubo para no interpretarse bien el razonamiento De Fray Vicente de Valverde*, é dedicado à argumentação centrada na inviabilidade da comunicação, decorrente da incapacidade do intérprete diante da tarefa, mas também pela impossibilidade de tradução:

*Tal y tan aventajado fué el primer intérprete que tuvo el Perú, y, llegando a su interpretación, es de saber que la hizo mala y de contrario sentido, no porque lo quisiese hazer maliciosamente, sino porque no entendía lo que interpretava y que lo dezía como un papagayo; y por dezir Dios reino y uno, dixo Dios tres y uno son cuatro, sumando los números por darse a entender. Consta esto por la tradición de los quipus, que son los nudos anales, de Cassamarca, donde pasó el hecho, y no pudo dezirlo de otra manera porque para declarar muchas cosas de la religión cristiana no hay vocablos ni manera de dezir en aquel lenguaje del Perú, como dezir Trinidad, trino y uno, persona, Espíritu Sancto, Fe, Gracia, Iglesia, Sacramento y otras palabras semejantes, porque totalmente las ignoran aquellos gentiles, como palabras que no tuvieron en su lenguaje ni hoy las tienen (...) Toda esta dificultad de aquella lengua general del Perú hemos apuntado muchas vezes, donde se nos ha ofrecido hablar della (...) y es que el día de hoy los indios del Cozco que nacen entre los españoles y se crían con ellos, y saben muy bien la lengua española y están bastantetemente instruídos en los misterios dela fe, no soan declarar en su lenguaje a los indios forasterios lo que oyen en los sermones a los predicadores españoles, por no dezir algunos errores, por la falta y dificultad de aquel lenguaje.*<sup>14</sup>

A argumentação se sustenta em testemunhos e na constante busca da veracidade e confiabilidade das informações, baseada esta sobre a existência e proximidade destes testemunhos escritos ou pessoais e no detalhamento dos fatos, que são sistematicamente explicados no seu significado e relacionados aos possíveis entendimentos entre as partes em interação, os indígenas e espanhóis. Garcilazo

não se furta a denunciar as manobras espanholas possibilitadas pela incompreensão do código que se impõe ao dominado, enquanto vai cuidadosamente recompondo as cenas da ação. Nesse contexto estão expostas as fragilidades dos indígenas manipuladas pelos espanhóis.

Esses exemplos de argumentação encontrados na narrativa indicam um lugar da fala – o do mestiço, mediador, tradutor –, que forja uma representação dos fatos informada por códigos múltiplos, que processam olhar sensível igualmente aos distintos elementos da relação, portanto construindo uma explicação, um conhecimento ampliado, que ultrapassa aspectos do encobrimento marcadamente presente nas construções europeias, como já assinalado.<sup>15</sup>

### Referências bibliográficas

- Aranda, A.G. (org.) (1994), *El Inca Garcilaso entre Europa y América*, Córdoba: Caja de Ahorros de Córdoba.
- Ayala, F.G.P. (1980), *El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno*, 3 vol. México: Siglo XXI.
- Barreto, L.F. (1989), *Os descobrimentos e a ordem do saber – uma análise sociocultural*, Lisboa: Gradiva.
- Caut, F.I. (ed.) (1996), *Jornadas Contadas a Montilla - El Inca Garcilazo y el mestizaje en Indias*, Córdoba: Obra Social y Cultural CAJASUR, Ayuntamiento de Montilla.
- Chauí, M. (2000), *Brasil, Mito Fundador*, Caderno MAIS, São Paulo: Folha de São Paulo.
- Fernández de Oviedo y Valdés, G. (1851-1855), *Historia general y natural e las Indias, islas y tierra firme del Mar Oceano, por el capitán... primer cronista del Nuevo Mundo*, 4 vol., Madrid: Real Academia de Historia.
- Gerbi, A. (1982), *La disputa del Nuevo Mundo. Historia de una polémica: 1750-1900*, México: Fondo de Cultura Económica.
- Gumbrecht, H.U. (1998), *Modernização dos sentidos*, São Paulo: Editora 34.
- Hernandez, M. (1991), *Memoria del Bien Perdido - Conflicto, Identidad y Nostalgia en el Inca Garcilazo de la Vega*, Madrid: Sociedad Estatal Quinto Centenario.
- Larraín, J. (1994), *Ideology & cultural identity. Modernity and the Third World presence*, Cambridge: Polity Press.
- \_\_\_\_\_. (1996), *Modernidad razón e identidad en América Latina*, Santiago: Andrés Bello.
- Quesada, A.M. (1994), *El Inca Garcilaso*, Lima: Pontificia Universidad Católica del Peru, Fondo Editorial.
- Vega, I.G. de la (1944), *Historia General del Perú Segunda parte de los Comentarios Reales e los Incas*, vols. I- III, Buenos Aires: Emecé.
- \_\_\_\_\_. (1965), *Obras Completas*, 4 vols., Madrid: Biblioteca de Autores Españoles.
- \_\_\_\_\_. (1985), *Comentarios Reales de los Incas*, Prólogo, Edición y Cronología de Aurelio Miro Quesada, vols. I e II, Caracas: Ayacucho.
- \_\_\_\_\_. (1988), *La Florida - Introducción y notas* Carmen de Mora, Madrid: Alianza.



## Notas

- \* O texto que aqui se apresenta expõe reflexões decorrentes de um projeto de pesquisa em curso «*Mestiço: um Universo de Representações nas Índias dos Séculos XVI e XVII*», desenvolvido com o apoio do CNPq, sobre documentação da Audiencia de Lima encontrada no Archivo General de Indias/Sevilla. Não se trata de uma análise exaustiva da obra do Inca Garcilaso de la Vega.
- <sup>1</sup> Barreto (1989), p. 6.
- <sup>2</sup> Larrain (1994), p. 142.
- <sup>3</sup> Larrain (1996).
- <sup>4</sup> Gumbrecht (1998), especialmente capítulos das seções II e III.
- <sup>5</sup> Chauí (2000), p. 5-11.
- <sup>6</sup> Gerbi (1982). Ver Prólogo - comentário de Acosta «*gran panegirista de las Indias, historiador de un América fuerte, madura y fecunda, en un pasaje en que, tras observar que las plantas llevadas de las nuevas tierras a Espana «son pocas y danse mal», mientras que las «que han pasado de España (a las Indias) son muchas y danse bien), añade con amable sarcasmo: «No sé si digamos que lo haze la bondad de las plantas, para dar gloria a lo de acá (de España), o si digamos que lo haze la tierra, para que la gloria sea de allá...»*».
- <sup>7</sup> Fernández de Oviedo y Valdés (1851-1855), p. 310, *apud* Gerbi (1982), pp. 5-6.
- <sup>8</sup> Gerbi (1982).
- <sup>9</sup> Ayala (1980), Vega (1965).
- <sup>10</sup> Garcilaso se utiliza amplamente dos rascunhos de historia andina, escritos pelo padre Blas Valera, mestiço nascido no Perú e a quem atribuiu legitimidade e autenticidade de testemunho.
- <sup>11</sup> Vega (1985), vol. I, pp. 5- 6.
- <sup>12</sup> Gumbrecht (1998), seção III: Início da Modernidade/Modernidade Epistemológica capítulo 1: *Garcilaso de la Vega, El Inca: do nascimento do sujeito a partir do sistema da burocracia*, pp. 109-138.
- <sup>13</sup> Vega (1944), p. 59.
- <sup>14</sup> Vega (1944), pp. 66-68.
- <sup>15</sup> Hernandez (1991).